



## **O Jornal Escolar *Online* como meio pedagógico**

**Zeneida Alves de Assumpção. Jornalista aposentada da Prefeitura de Curitiba,  
doutora e professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa.**

### **1. INTRODUÇÃO**

A sociedade evolui e com ela evoluem também as formas de se pensar a educação. Atualmente, em muitas escolas, não é apenas o quadro de giz que é usado como um instrumento de expressão de conhecimento elaborado. O computador é hoje um dos grandes aliados na formação de alunos do Ensino Fundamental e Médio. Em longo prazo tem-se pensado numa mudança do paradigma educacional. Uma das principais características dessa mudança seria a utilização de ambientes digitais como meio de desenvolvimento de atitudes colaborativas de aprendizagem. Além disso, é necessário refletir a educação como um processo no qual alunos e professores ensinam e aprendem na mesma dosagem. Repensar o projeto político pedagógico, a partir de propostas interdisciplinares, é fundamental para uma melhor educação do aluno no mundo contemporâneo.

É impossível pensar a aprendizagem sem a comunicação, uma vez que esta é inerente a toda e qualquer forma de expressão. Dentro do contexto exposto, tal afirmação se torna ainda mais importante, principalmente quando o uso das mídias na sala de aula é proposto. Muitas escolas já estão se apropriando dos jornais impressos como uma quebra de fronteiras entre o mundo que cerca os alunos e a sala de aula. Segundo FARIA (1999), para os estudantes, o jornal serve exatamente como um mediador entre a sua realidade e a escola, forma novos conceitos, estabelece criticidade, ajuda a relacionar conhecimentos prévios e sua experiência de vida com as notícias, e estabelece objetivos de leitura. A mesma autora afirma que a utilização do jornal em sala de aula é pertinente, uma vez que tal material é uma fonte de informação, forma o cidadão, desenvolve as capacidades intelectuais do aluno e aumenta a sua cultura.

NIDELCOFF nos orienta que trabalhar com as notícias na escola, é incentivar a criticidade e a reflexão diante da informação e dos fatos, é ajudar o educando a adquirir a capacidade de se informar, de procurar informações e de relacionar diferentes fatos entre si, é ajudar o estudante a verificar quais são os problemas que afetam o homem do nosso tempo, quais são as características do momento histórico concreto e a inter-



relação existente entre diferentes problemas contemporâneos. Assim, a autora define a escola como um espaço onde o aluno pode dialogar, pensar com outras pessoas sobre o que acontece no mundo. Ela deixa claro, ainda, sua posição contra o modelo de educação baseado apenas nos livros didáticos e na assimilação apática das palavras do professor. “Manter um ensino livresco e alienado também é fazer política: a política de produzir cidadãos medíocres e passivos, necessários para manter de pé firme uma sociedade que parece temer as pessoas esclarecidas” (1991: 40).

O psicólogo Célestin Freinet foi uma das primeiras pessoas a pensar a utilização do jornal dentro da escola. Um dos princípios de Freinet era a livre expressão, por isso a construção do chamado texto livre. As suas técnicas baseavam-se na democratização da cultura, como meios de expressar a liberdade, a criação, o respeito e a valorização da capacidade de aprendizagem (NASCIMENTO, 1995). O psicólogo acreditava que a escola capitalista se preocupava com o registrar, o ver e o ouvir, substituindo a vida por atos mecânicos. Assim, a crítica, o raciocínio e a criação eram encobertos. Segundo NASCIMENTO, Freinet julgava a educação como fundamental para as transformações na sociedade. Nesta perspectiva, o psicólogo enfatizava o uso adequado das técnicas modernas de comunicação e sua relação com a educação, esta capaz de ajudar na construção de uma nova sociedade. Dessa forma, Freinet fala da escola do povo, a qual possibilitaria a introdução de novas técnicas de trabalho, nas quais o interesse, a criação, as atividades socialmente motivadas e a pesquisa seriam parte do cotidiano.

Ainda na perspectiva da comunicação como um processo de aprendizagem, GUTIERREZ (1978) relata que as mídias visam provocar novas formas de aprendizagem. Para ele, as técnicas causam mudanças que modificam as condições vitais do homem, entre elas a maneira de se comunicar e, conseqüentemente, educar. Nesse sentido, o autor estabelece que a comunicação com os alunos deve ser horizontal, dialógica. “O professor já não é o sabe-tudo, mas sim um co-investigador, co-aprendiz e co-responsável pela ação educativa” (GUTIERREZ, 1978: 45). Ele afirma ainda que os meios midiáticos deslocam o estudante do ambiente escolar e dos métodos de aprendizagem perpetuados, tornando interdisciplinar o processo de formação e fazendo com que os educandos se tornem presentes em todas as partes, ou seja, tenham ampliado os seus limites geográficos. “Os estudantes são, hoje, cidadãos do mundo. Passou-se de um meio cultural próximo, local ou nacional, para uma cultura mundial” (GUTIERREZ, 1978: 45).



Algumas escolas de Curitiba utilizam o computador e a Internet através do projeto *Extra Extra* – produção e recepção de jornais *on line* -, idealizado pela Secretaria Municipal de Educação da capital. Até 2003, período da pesquisa, o projeto era realizado em onze escolas municipais de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries: *Durival de Britto e Silva, Omar Sabbag, Caic Bairro Novo, Albert Schweitzer, Papa João XXIII, Maria Clara Tesserolli, São Miguel, Caic Cândido Portinari, Erasmo Pilotto, Júlia Amaral Di Lenna e Herley Mehl* curso de capacitação de, no mínimo, quatro horas a fim de que entendam o processo de funcionamento do jornal.

Os alunos que trabalham no projeto são receptores e produtores dos jornais escolares *on line*; o professor é apenas um mediador entre o estudante e as tecnologias digitais, e um revisor de textos.

## 2. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho, existiu a pesquisa bibliográfica, compostas de leituras sobre o tema proposto, e a pesquisa de campo qualitativa e quantitativa. A primeira constituiu-se de entrevistas semi-estruturadas com um professor coordenador do projeto *Extra Extra* em cada uma das cinco escolas analisadas e com duas coordenadoras do projeto da Secretaria Municipal de Educação, mais especificamente do Setor de Tecnologias Digitais, divisão na qual o *Extra Extra* é efetivado. Com relação à abordagem quantitativa, foi elaborado um questionário para os alunos a fim de verificar a recepção deles perante os jornais *on line*, no ano de 2003, nas cinco escolas selecionadas: *São Miguel, Caic Bairro Novo, Durival de Britto e Silva, Albert Schweitzer e Herley Mehl*. Foram questionados 54 alunos (de 10 a 15 anos), cinco professores responsáveis pelo *Extra Extra* nas escolas analisadas (Elizabeth Flemming-*São Miguel*; Edson Fontana-*Herley Mehl*; Cíntia Masetto-*Alberth Schweitzer*; Jussara Bernardeli-*Durival Britto e Silva*; Adriana Martins da Rocha-*Caic Bairro Novo*) e duas pessoas que respondem pelo projeto na Secretaria Municipal de Educação (Eloina Santos e Adriane Pompeiro, coordenadoras do *Extra Extra* no Setor de Tecnologias Digitais).

O critério principal para a escolha das escolas foi à localização de cada uma numa administração regional, segundo divisão do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), diferente da cidade. Assim, em três escolas todos os alunos envolvidos com os jornais escolares *on line* responderam o questionário; em



duas instituições foram questionados 10% dos educandos. Quanto aos professores coordenadores do *Extra Extra* em cada escola, o fator para a escolha dos entrevistados foi a disponibilidade e interesse expressados pela realização da pesquisa. Já com relação às entrevistas feitas na Secretaria Municipal de Educação, o aspecto principal pela opção de conversa foi a ocupação de cargo efetivo como responsável pelo projeto.

### 3. RESULTADOS OBTIDOS

#### **Quanto aos alunos:**

Constatou-se através da pesquisa que 35,2% dos alunos praticam leituras (diversas) diariamente. Todos os questionados – 100% - afirmaram que a prática da leitura contribui para a melhora da escrita. 72,2% dos estudantes atestaram que o interesse pela leitura aumentou com a produção, e conseqüente recepção, do jornal escolar *on line*.

Cerca de 81,5% dos alunos responderam que os professores falam sobre os meios de comunicação em sala de aula e 74% deles afirmaram que existe trabalho com jornais impressos durante as aulas.

Aproximadamente 79,6% dos estudantes revelaram que lêem o jornal *on line* da sua escola, e 61,1% disseram que conhecem os jornais *on line* das outras escolas envolvidas no *Extra Extra*. Entretanto, 53,7% dos questionados responderam que não costumam entrar em contato com os alunos das outras escolas para sugerir algo para os jornais, criticá-los ou elogiá-los. E 68,5% dos alunos afirmaram que os conteúdos dos jornais produzidos contribuíram para a melhora do desempenho escolar deles.

Com relação a últimas questões abertas do questionário, 36 dos 54 alunos questionados não sugeriram nenhuma mudança no projeto. Dois alunos sugeriram jogos; três pediram que o *Extra Extra* ocorresse mais vezes na semana; cinco que mais alunos participassem do projeto; dois que existissem matérias mais interessantes; um que o jornal fosse mais animado; um que existissem mais assuntos sobre adolescentes; e um aluno pediu a volta da produção do jornal esse ano.

#### **Quanto aos professores coordenadores do *Extra Extra* nas escolas :**

Com relação às entrevistas semi-estruturadas, os professores responderam que conhecem os jornais das outras escolas participantes do projeto, mas não os acessam regularmente. Também afirmaram que não há contato com as outras escolas. Apenas



uma professora falou que de vez em quando entra em contato com professores de outras escolas envolvidos no *Extra Extra*.

Os entrevistados levantaram alguns motivos pelos quais é pouco o número de professores que acabam se envolvendo realmente no projeto: a escola é sobrecarregada de projetos, o professor não tem tempo disponível, tem que comparecer no contra-turno na instituição e/ou não gosta ou não entende de informática.

Não existe a participação de nenhum jornalista nos jornais das escolas. Os professores responderam que seria interessante essa participação.

Quanto ao interesse pela leitura e pela escrita através do *Extra Extra*, os entrevistados disseram que a estrutura de texto dos alunos melhorou, assim como a desenvoltura, a ortografia e a argumentação oral dos alunos envolvidos no projeto.

Houve aumento do senso crítico dos estudantes em quatro das cinco escolas analisadas. Os professores alegaram que os educandos têm demonstrado cada vez mais criticidade, discordando de certas idéias expostas por eles.

Segundo os entrevistados das instituições de ensino, o desempenho escolar dos alunos melhorou, inclusive com a recepção dos jornais. Além disso, os estudantes se interessaram mais em pesquisar, buscar informações em fontes diversas.

Quanto aos benefícios da Internet no aprendizado, os entrevistados afirmaram que estes seriam as mostras do texto não só para o professor, mas também para outras pessoas; o interesse em pesquisar; e a participação do aluno dentro de uma coletividade. Além disso, a prática do jornal escolar *on line* é vista como positiva pelos professores, uma vez que esta atividade faz com que o educando produza conhecimento, não apenas receba informações.

Conforme os entrevistados, as escolas trabalham com jornais impressos dentro da sala de aula.

Para todos os professores ouvidos, o projeto foi positivo para os alunos, principalmente quanto ao desempenho escolar deles. Os entrevistados apontaram alguns problemas existentes com relação ao *Extra Extra*: dificuldades técnicas (computador, Internet), falta de apoio da direção, pouco tempo de permanência no laboratório de informática e divulgação falha.

Como mudanças no projeto, os professores sugeriram uma maior colaboração da escola, uma divulgação mais ampla dos jornais e a publicação de mais textos.



## **Quanto às responsáveis pelo projeto na Secretaria Municipal de Educação**

A pesquisa demonstrou que o projeto é acompanhado pela gerência de Tecnologias Digitais, desde a sua concepção até a capacitação dos professores que irão participar do *Extra Extra*. A equipe também auxilia a organizar o projeto nas escolas. A Secretaria Municipal de Educação afirmou que não existe a possibilidade de padronizar o trabalho com os jornais em todas as escolas, uma vez que cada uma tem a sua realidade, as suas características. Além disso, foi levantada a questão do respeito às diferenças culturais.

Não existe um número fixo de professores que lidam com o *Extra Extra*. Quem tiver interesse em aderir ao projeto pode solicitar à Secretaria Municipal de Educação o curso de capacitação, necessário para o entendimento da produção e recepção do jornal *on line*.

A pouca participação de professores em cada escola no *Extra Extra*. Segundo as entrevistas é preciso que o educador deixe de ser apenas um fornecedor de aulas e subsídios e passe a ser um professor que realmente queira desenvolver projetos de aprendizagem.

A respeito da participação de um jornalista na concepção do *Extra Extra* e no projeto-piloto. Hoje não existe mais a presença desse profissional no projeto.

Conforme as entrevistadas, a manutenção dos laboratórios de informática nas escolas é feita através de uma verba descentralizada. A escola é que fica responsabilizada de fazer a manutenção.

Com relação à divulgação dos jornais, as entrevistadas admitem que às vezes nem os próprios professores das escolas conhecem o projeto. Entretanto, acreditam que esse aspecto tende a melhorar com a inauguração do portal e com o incentivo ao conhecimento dos outros jornais durante a capacitação.

As dificuldades encontradas pela Secretaria Municipal de Educação para a realização do *Extra Extra* podem ser divididas em técnicas e pedagógicas. Quanto às técnicas, as entrevistadas citaram a manutenção do antigo *software* do projeto, o *Pluto*; sempre precisava-se de um técnico que entendesse a linguagem *java*. Já o portal contém um publicador de fácil manuseio, e os técnicos que lidam com sua manutenção são contratados diretos da secretaria. As dificuldades pedagógicas dizem respeito ao envolvimento de professores em projetos “diferentes”, que saiam da rotina da sala de aula. Existe o obstáculo em envolvê-los com as tecnologias digitais.



Uma das coordenadoras do *Extra Extra* confirmou que uma das falhas do projeto é o fato de ele atingir um número pequeno de alunos. Mesmo assim, a outra coordenadora afirmou que o projeto é positivo porque, como a base dele é a aprendizagem colaborativa, pode-se estar revelando talentos dentro das edições dos jornais. Além disso, falou que todos os alunos têm um momento de estar envolvidos na produção do jornal de sua escola.

A respeito das melhoras pedagógicas com a participação dos alunos no *Extra Extra*, as entrevistadas salientaram que o jornal escolar *on line* é um grande facilitador, pois o estudante escreve e está vendo a real função da escrita: escrever para os outros, não só para o professor.

As responsáveis pelo *Extra Extra* na Secretaria Municipal de Educação disseram que, apesar das falhas ocorridas. Os alunos ficaram mais desinibidos, melhoraram a escrita e passaram a realizar mais pesquisas. Para as entrevistadas, foi mais um passo para um caminho que tende a se abrir. Hoje, cerca de 60 escolas estão envolvidas com o *Extra Extra*.

#### **4. DISCUSSÃO**

Como a pesquisa aborda a recepção dos jornais escolares *on line*, torna-se pertinente explicitar em que sentido o jornal pode contribuir com o aluno para o seu melhor desempenho escolar. Segundo PAVANI (2002), a habilidade, o costume de ler é essencial para a aprendizagem. A autora elenca alguns aspectos que fazem do jornal um material eficaz na educação: auxílio e dinamização do ensino e da aprendizagem, interdisciplinaridade e integração de conhecimentos e práticas. Além disso, o aluno começa a se expressar de forma livre, interage melhor no trabalho em grupos, torna-se mais observador e aprimora ou cria o hábito de perguntar, discutir hipóteses e daí extrair conclusões. A interdisciplinaridade é uma das características de um jornal, uma vez que, como afirma PAVANI, o conteúdo da imprensa escrita e eletrônica apresenta informações que incidem em todas as áreas do ensino, como história, geografia, matemática, língua portuguesa etc. Para a autora, um jornal produzido por determinada classe ou grupo de alunos deve seguir certos parâmetros, como a decisão de uma periodicidade, a formação de uma equipe de editores, o estabelecimento de pauteiros e o conhecimento profundo pelo repórter do assunto a ser tratado. Essa questão se respaldou no receptor do produto.



Os alunos e professores que estão envolvidos diretamente no projeto, são também os receptores. Aliás, eles são praticamente os únicos receptores. Isso porque a divulgação do jornal é quase inexistente.

Quando se afirma que a divulgação é praticamente inexistente, leva-se em conta que são apenas os alunos participantes do projeto e os professores coordenadores do *Extra Extra* que conhecessem os jornais. Alguns professores acabam sabendo da existência do trabalho das outras escolas, mas são poucos os educadores e alunos que estão envolvidos no projeto que têm conhecimentos dos produtos. Em duas das escolas visitadas, os alunos distribuía no recreio e levavam para casa papeizinhos com o endereço eletrônico do jornal. Em outras, os professores levavam os alunos no laboratório de informática para que eles lessem as matérias produzidas. Mesmo assim, o fator divulgação, fator essencial pelo produto ser midiático, é deficitário. As coordenadoras do projeto do Setor de Tecnologias Digitais, da Secretaria Municipal de Educação, confirmaram a falha na divulgação dos jornais e afirmaram que essa questão já está melhorando com a mudança do projeto para o portal *Aprender Curitiba* (prefeitura). Além disso, a Secretaria Municipal de Educação pretende realizar encontros com os professores das escolas envolvidas no *Extra Extra* para que haja relatos de experiências cada instituição. Com isso, o trabalho com os jornais *on line* em cada escola estará sendo divulgado.

A partir do questionário, constatou-se que não eram todos os alunos envolvidos que liam todo o jornal da sua escola e que mais de 60% deles não conheciam os jornais *on line* das outras escolas envolvidas no projeto *Extra Extra*. Ao ser questionado sobre a existência de contatos com alunos de outras escolas para sugerir algo, elogiar ou criticar os jornais, mais de 50% dos alunos responderam que isso não existia. Apenas uma professora afirmou que vez por outra entra em contato com professores das outras escolas envolvidas no projeto. Com relação a essa questão e até mesmo à falta de conhecimento dos jornais por parte dos professores, uma das coordenadoras do projeto na Secretaria Municipal de Educação declarou que muitos deles ainda têm receio de lidar com o computador e com a Internet, pois quando se formaram essas tecnologias não eram utilizadas nas escolas, como mecanismo de aprendizagem. Ela acredita que com a inauguração do portal torne-se possível acessar as escolas envolvidas no *Extra Extra*, facilitando, assim, a comunicação entre elas. Entra a questão do público-alvo:





quem vai **receber** o meu jornal? Para quem ele se destina? O problema da incomunicação entre as escolas torna-se pertinente ao se analisar a recepção.

No questionário, os alunos (100%) responderam que a prática da leitura contribuiu para a melhora da escrita. Cerca de 69% dos alunos responderam que o conteúdo dos jornais produzidos colaborou para a melhora do seu desempenho escolar, uma vez que os jornais apresentam material didático. Além disso, segundo PAVANI (2002), o jornal tem como um dos seus princípios o de fazer com que as pessoas compreendam a realidade em que vivem. E esta é uma das características do jornal escolar *on line* que puderam ser observadas; ele aproxima o aluno - enquanto estudante, adolescente e cidadão - da sua realidade. Esse aspecto comprova duas hipóteses supostas: o contato com a recepção do jornal aproxima o educando da realidade em que ele vive, da informática e das novas tecnologias de comunicação; e o jornal possibilita a construção de conhecimentos sistematizados pelo receptor.

Com relação ao senso crítico dos alunos, em quatro escolas obtiveram-se respostas de que ele desenvolveu. Alguns professores justificaram isso ao relatar que os estudantes discordavam de algumas idéias que eram sugeridas para o jornal. Para PAVANI (2002), a leitura é uma habilidade desenvolvida continuamente. Segundo a autora, dentre os fatores que afetam o desempenho da criança em leitura estão o nível sócio-econômico, o quanto ela faz uso dos meios de comunicação de massa, a sua orientação em relação à mídia e o seu envolvimento com ela. Estes aspectos são bastante importantes para se entender a recepção dos jornais escolares *on line*. Conforme PAVANI, até 2002, existiam mais de 30 projetos que envolviam jornais na educação, abrangendo oito mil escolas. Estes tinham dinâmicas diferentes, mas o mesmo objetivo: promover mais e melhor leitura, introduzindo a discussão de problemas do cotidiano e a busca de soluções para eles. A recepção, através do jornal escolar *on line*, fundamenta-se pela leitura. Por isso essa questão foi levantada durante a pesquisa. Nessa perspectiva, o receptor pode exercitar a criticidade ou formar a consciência crítica, principalmente fazendo leituras dos jornais trabalhados no *Extra Extra*.

Um dos entrevistados levantou algo bastante importante: se o computador for usado apenas como uma ferramenta de trabalho, não trará benefício algum para o aprendizado do aluno. Isso porque a idéia é produzir conhecimento. O aluno deve explorar o equipamento, não só utilizá-lo como uma simples ferramenta. Uma das



coordenadoras do *Extra Extra* da Secretaria Municipal de Educação enfatizou que a prioridade é o processo cognitivo de produção e recepção do jornal, não o processo mecânico. Nesse sentido, a recepção dos jornais aparece como um aspecto extremamente positivo, uma vez que a leitura dos produtos caracteriza-se pela aquisição de determinados conhecimentos e percepções por parte dos receptores. Assim, é importante salientar que os meios de comunicação não devem ser utilizados na escola apenas como meios de informação. Como enfatiza GUTIERREZ (1978), a comunicação é um diálogo e, como não há comunicação sem diálogo, também não há educação sem comunicação. Para o autor, perante o sistema atualmente imposto, os alunos tornam-se passivos, não tomam decisões ou iniciativas. Ele acredita que um dos fatores para esse problema é o autoritarismo e dogmatismo dos professores, os quais inibem a participação estudantil. Dessa forma, a aprendizagem proposta só é autêntica se houver mudança no receptor. Para que isso ocorra, o ensino, se for tratado como mudança de conduta, deve ir além, portanto, do simples repasse de informações. O professor é um dos principais efetivadores desse processo: sua função perpassa a mobilização, o comprometimento, a motivação e a animação. Não é mais suficiente, para os jovens contemporâneos, saturar a aula de informações.

Apesar do computador trazer benefícios para a aprendizagem do aluno, ALMEIDA (1987) aponta para uma visão crítica sobre a utilização de tal tecnologia. Para ele, o educador deve acompanhar os experimentos feitos com o computador como ensino-aprendizagem; o professor não pode encarregar aos técnicos a tarefa de produzir materiais instrucionais programados. “Todo o trabalho deve ser precedido de um levantamento cuidadoso dos pontos pedagógicos que têm se mostrado problemático” (ALMEIDA, 1987: 21). Dessa forma, é importante relativizar a utilização do computador na escola. Para ALMEIDA, esta instituição é desmotivante e segregadora, e, por esse motivo, o computador poderia auxiliar o aluno na sua aprendizagem. Entretanto, o autor deixa claro:

O computador, embora nascido de uma dada civilização e para solucionar dados problemas, hoje é um patrimônio transcultural. A absorção acrítica de sua utilização na educação deve ser procedida de análises das questões mais radicais que afligem esta dimensão da cultura brasileira. Como tarefa dos educadores, cumpre desenvolver uma pedagogia do uso crítico da informática na educação. Um desafio (ALMEIDA, 1987: 52).

Nesse sentido, ALMEIDA adverte para o uso do computador apenas como um instrumento de prática essencialmente técnica. Segundo o autor, a informática aplicada à educação não é a solução para os problemas de ensino no Brasil. “A solução dos problemas educacionais do Brasil está no nível dos recursos humanos; sua formação,



sua capacitação, sua melhoria de nível econômico, sua participação nas definições políticas dos rumos da educação. A informática pode contribuir neste processo de capacitar educadores e educandos, de melhorar o nível de ensino e de lançar recursos e atenção para a tão carente escola brasileira” (ALMEIDA, 1987: 100/101).

Quanto ao número pequeno de professores que se envolvem com o Projeto, os responsáveis pelo *Extra Extra* justificaram a falta de tempo disponível desses professores; a questão da escola estar sobrecarregada de projetos e até o fato do professor não gostar ou não entender de informática. São poucos os professores que conhecem o projeto. Essa questão deve ser levantada ao se falar da recepção do jornal, uma vez que esse problema torna o processo receptivo defasado. Fazer com que o professor se envolva em projetos que exigem o manuseio dos meios digitais é um desafio. Um dos objetivos do projeto é capacitar os professores para que estes sejam cada vez melhores. Para LOVATTO (1998), o não domínio, as limitações de conhecimento assustam quem tem que lidar com as novas tecnologias. A autora sugere que é necessário desmitificar o computador. É importante vê-lo como algo que pode ser útil, não de uma forma “endeusada”. “Para fazer parte de uma determinada cultura social ou tecnológica, não basta querer participar dela. Ele [o indivíduo] terá que agir conforme as regras impostas por esse outro universo de valores” (LOVATTO, 1998: 48).

Quanto à receptividade, os estudantes aprendem a ler a partir de outros processos, fazendo *link's* com outras áreas do conhecimento. É importante deixar claro ainda que a recepção dos jornais também é um fator de melhora no desempenho escolar dos estudantes, exatamente pela observação da estrutura dos textos (clareza, coerência, coesão), sintaxe e descoberta de temas que talvez fossem desconhecidos.

Em nenhuma das escolas existe um jornalista que acompanha a produção e a edição do jornal. Os coordenadores do projeto nas escolas afirmaram que a participação de um jornalista no projeto é interessante, pelo fato dele ser um profissional especializado na área.

A preocupação de envolver esse profissional será pensada nesse semestre com a realização de *wokshop's* que tratem de elementos dos textos de jornais. Essas oficinas serão ministradas por jornalistas a fim de que os textos dos alunos sejam melhorados. Está se pensando na busca de parcerias, inclusive, com universidades. Ao se descartar a participação de um jornalista no trabalho com o *Extra Extra*, pensou-se apenas na produção, mas não na recepção dos jornais. A presença de



um jornalista no projeto seria pertinente, por ser um profissional especializado na área de comunicação, faria, talvez, com que a recepção do jornal fosse captada de uma melhor forma. Isso porque os jornalistas sabem que instrumentos utilizar para chamar a atenção do leitor e fazer com que o texto seja eficazmente entendido. O uso de determinadas técnicas jornalísticas poderia tornar mais fácil a recepção dos jornais.

Uma das coordenadoras do *Extra Extra* comentou que algumas escolas já trabalharam com jornais impressos, mas, por causa dos custos da impressão, a tiragem destes foi baixa. Esse foi um dos principais motivos pela escolha do meio Internet para a efetivação do projeto; o processo é gratuito, não tem custo para as escolas. Além disso, a veiculação das notícias na *web* é mais democrática, no sentido de que qualquer pessoa pode acessar os jornais escolares. Nesse sentido, foi pensando também numa melhor recepção que o meio Internet foi escolhido. A preocupação com a recepção ao se escolher o meio Internet é bastante compreensível. A partir da rede mundial de computadores, qualquer pessoa pode acessar qualquer página. Esse suporte torna a receptividade muito mais eficaz. Embora a maioria dos alunos não tenha computador em casa, podem acessar os jornais na escola, nas bibliotecas públicas e nos faróis do saber.

Segundo os professores responsáveis pelo *Extra Extra* nas escolas, um dos problemas é a manutenção do laboratório de informática, que muitas vezes deixa de ser feita. Uma das responsáveis pelo projeto na Secretaria Municipal de Educação comentou que sempre ouve essa queixa nos cursos desenvolvidos pela gerência do Setor de Tecnologias Digitais; os professores reclamam que os laboratórios estão sucateados. Porém, enfatizou que as escolas recebem verba descentralizada. O que acontece é que a escola recebe a verba juntamente com as outras e, com a participação do conselho de escola, decide como irá aplicá-la. Segundo a entrevistada, muitas vezes o laboratório de informática não é prioridade e a escola acaba utilizando esse dinheiro para outro fim. A coordenadora do *Extra Extra* afirmou ainda que a direção da escola e a Associação de Pais e Funcionários (APF) têm conhecimento disso. Alguns professores acabam não sabendo como funciona esse processo. A manutenção do laboratório de informática é fundamental para o fator recepção. Se não houver cuidados técnicos com as máquinas, os alunos, e até mesmo professores, não poderão acessar os jornais.

Apesar dos problemas entre a educação e o meio digital, a proposta é válida para se repensar o projeto político pedagógico vigente. Como comenta PAVANI (2002), o



jornal em sala de aula melhora a comunicação entre a comunidade escolar, os professores, os pais, os diretores e os funcionários. Segundo a autora, o jornal na escola também revela o perfil dos alunos ou grupo envolvido, facilitando a comunicação entre toda a comunidade escolar. E a recepção do jornal escolar *on line* é um fator básico nesse processo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a recepção dos jornais escolares *on line* analisou como o receptor assimila tais produtos em sua aprendizagem. Aspectos como o despertar do gosto pela leitura; a aproximação da realidade em que vive, da informática e das novas tecnologias de comunicação; o exercício da criticidade ou a sua formação; e a construção de conhecimentos sistematizados foi observada nos receptores desses jornais.

Com relação às mudanças que o projeto poderia vir a ter, os professores sugeriram maior colaboração da escola, tanto da direção, quanto dos professores; a publicação de textos; e uma divulgação mais ampla do jornal, uma vez que existem educadores que não conhecem o projeto. Os alunos sugeriram jogos; um trabalho mais intenso com o jornal; a presença de mais alunos participando; matérias mais interessantes.

Apesar dos obstáculos que dificultam o bom andamento do *Extra Extra*, a iniciativa é bastante válida, principalmente porque, numa sociedade em que as mídias e as novas tecnologias fazem parte do cotidiano das pessoas, existe uma forma de tentar aprender a partir de um processo educativo diferente. E os trabalhos com os jornais escolares *on line*, fundamentados num projeto político pedagógico mais dinâmico, destacam-se exatamente por contribuir pedagogicamente junto aos seus receptores.

A escola tem que oferecer ao aluno a possibilidade de acesso aos meios digitais e compreender como esse aspecto pode ser vinculado à aprendizagem. A criança é a base de toda a evolução da introdução de tecnologias como mecanismos de educação. Nesse sentido, o processo deve ser feito para ela e por ela. A discussão se dá por uma aprendizagem mais ativa por parte dos alunos e, conseqüentemente, mais democrática.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALMEIDA, Fernando José de. **Educação e informática: os computadores na escola**. São Paulo: Cortez, 1987, 103 páginas.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999, 162 páginas.

GUEDES, Olga. Os estudos de recepção, etnografia e globalização. In: BENTZ, Ione; PINTO, Milton; RUBIM, Antônio (orgs.). **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.107 a 118.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

LOVATTO, Jane Regina Müller. Computador: um estranho em minha vida. In: MARTINS, Lêda Terezinha; CASTRO, Maria Lília Dias de. **Semiótica e discurso**. São Leopoldo: Unisinos, 1998, p. 43 a 49.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. **A pedagogia Freinet – na natureza, educação e sociedade**. Campinas: Editora Unicamp, 1995, 77 páginas.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, 101 páginas.

PAVANI, Cecília; *et al.* **Jornal – (in) formação e ação**. Campinas: Papyrus, 2002.

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. **Metodologia de pesquisa – do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000, 262 páginas.

RICHARDSON, Roberto Jarry; *et al.* **Pesquisa social – métodos e técnicas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989, 287 páginas.

SANTOS, Eloina de Fátima Gomes dos. **Ambientes digitais no desenvolvimento de atitudes colaborativas de aprendizagem: estudo de caso do projeto de jornal eletrônico Extra-extra**. Florianópolis, 2003. 119f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina.